

Encarada a obra em seu conjunto, poder-se-á perguntar: teria sido feliz o ilustre professor de Oxford em dividir a História das Explorações Geográficas em, apenas, duas grandes partes — antes e depois do século XIX?... Sinceramente, parece-nos que não, uma vez que não vemos razões sérias para, na falta de outro critério talvez mais racional, pôr-se de lado a tradicional divisão da História, nos seus quatro períodos. Acaso, as explorações realizadas pelos povos antigos não diferem essencialmente das que foram levadas a efeito na época medieval? Por outro lado, as descobertas realizadas nos Tempos Modernos não se individualizam, de maneira completa, das que tiveram lugar no período anterior como nos derradeiros 150 anos?... Compreendemos a intenção do autor ao dar maior desenvolvimento à época contemporânea, pois contribuiu, assim, para o preenchimento de uma lacuna, sensível em outras obras do mesmo gênero; mas tal ponto de vista, sem dúvida elogiável, não poderia implicar no abandono do plano que os próprios estudos gerais da História impunham para o extenso período anterior ao século XIX.

Resta-nos fazer um último reparo a essa importante obra do ilustre professor de Oxford: a pobreza da parte referente ao nosso país, no período correspondente aos séculos XIX e XX. Em primeiro lugar, somos forçados a extranhar que, enquanto o Canadá, os Estados Unidos, o Alasca, para não citar muitos outros exemplos (Madagascar, a Austrália, etc.), mereceram uma parte especial, dentro dos respectivos capítulos; o Brasil aparece sob a rubrica "América do Sul". Referindo-se aos viajantes e exploradores, que percorreram nossos sertões, na época contemporânea, não deixou o autor de mencionar alguns dos mais notáveis; Eschwege, Wied-Neuwied, Saint-Hilaire, Spix e Martius, De Castelnau, Wallace, Bates, Chandless, Crevaux, Coudreau, Derby, Von Den Steinen, Rice e outros lá estão citados, com maior ou menor detalhe. Mas nenhum nome brasileiro aparece nessas páginas dedicadas ao nosso país; Alexandre Rodrigues Ferreira, Barboza Rodrigues, Costa Azevedo, Tapajóz, Teles Pires, Rondon e seus valentes seguidores são completamente olvidados. Isto sem que levemos muito em conta que o sábio Luiz Cruls ali está como sendo R. Crulo...

São simples observações, que nos sentimos na obrigação de fazer, mas que em nada diminuem a obra examinada. Constitui ela uma admirável síntese, que haverá de prestar magníficos serviços tanto para os que cultivam a História como a Geografia. Diferindo em seu plano e na sua própria estrutura, alinha-se, porém, inegavelmente, ao lado da grande obra de Olsen, "La Conquête de la Terre", editada pela própria Livraria Payot.

AROLDO DE AZEVEDO

Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, t. XV, 2.^a série, n.ºs 1/2, 1949, pp. 265.

Este número da Revista contém os seguintes artigos:

José Gentil P. da Silva, *Os Contratos da Trazida de Drogas no século XVI (Subsídios e Documentos)* (pp. 5-28). O A. estuda os contratos relativos à importação da noz e do gengibre, grande parte do qual provinha do Brasil. Examina a qualidade dos carregamentos, a sua disposição nas naus, a flutuação dos preços das drogas na praça de Lisboa no século XVI e as condições, obrigações e direitos referentes aos negócios das drogas. Em apêndice, o A. junta documentos muito interessantes relativos ao assunto.

Cruz Malpique, *Reflexões sobre a infância* (pp. 29-52). Artigo sobre a importância dos problemas da infância no nosso tempo. O A. assinala o fato de haver sido Portugal um dos primeiros países a dar assistência à infância.

Em 1321, a rainha Santa Isabel, "tendo grãde pena de que as Mãys engetassem os filhos que concebêrão por occultarem o delito com que se profanarão, e que acrescentando delito a delito, os lançavam em parte aonde, se os não achavão, morrião" (p. 31), fundou, em Santarém, o hospício Santa Maria dos Inocentes.

José Gonçalo Chorão de Carvalho, *Sôbre o Texto da Lírica Camoniana* (pp. 53-91). O A. continua neste número o seu interessante estudo sôbre a Lírica Camoniana, iniciado no t. XIV, 2.^a série, n.º 3.

Maria Margarida Brandão, *Aspecto Social das Heresias Medievais* (pp. 92-117). A A. escreveu êste trabalho para licenciatura em filosofia e história na Univ. de Lisboa. A Revista, neste número, traz apenas a 1.^a parte dêste interessante estudo. Propõe-se a A. a indicar "o aparecimento e a evolução dos movimentos heréticos medievais que apresentam preocupações de ordem social", na "medida em que respondem às novas condições sociais do tempo", etc. O que condicionou as heresias, diz a A. foi: a) a tradição evangélica; b) os escritos dos Padres da Igreja; c) o monaquismo. Será tão facilmente esquematizável, o complexo condicionalismo das heresias? O trabalho da Snra. M. M. Brandão é digno de interesse. Aliás, êsse assunto das heresias é dos que, prendem todos aquêles que não têm muita inclinação para as ortodoxias... Lembramos, de passagem, um outro trabalho muito interessante e que é o de Julio Gimenez Rueda, *Herejias y Supersticiones en la Nueva España — Les heterodoxos en México*, (Imprenta Universitaria, México, 1946, XIV — 307 pp). O problema posto pela pobreza, o fato, importante na nossa opinião, da leitura dos textos sagrados em vulgar e a afirmação de uma religião íntima e pessoal, por parte dos heréticos, poderão levar a A. a investigações mais profundas e revelar-lhe tôda a riqueza de tão belo assunto.

Luiz Schwalbach, *Dois Rios de Importância Mundial — O Reno e o Danúbio*. (pp. 118-142). Trata-se de um estudo de geografia política e econômica. Destacamos êste trecho do trabalho do Prof. Schwalbach: "Quantas vêzes são se inculpa a geografia de responsável pelas guerras entre as nações, quando apenas se usou de argumentos inquinados duma pseudo disciplina geográfica, à mercê dos intuits agressivos de personagens, que arrastam as populações para os mais arriscados precipícios, julgando que ficam livres de soçobrar em nas possíveis derrocadas!..."

Gustavo Cordeiro Ramos, *Congresso de Geografia* (pp. 143-149), Discurso em francês em saudação aos participantes do Congresso de Geografia, reunido em Lisboa em 1949. O nosso prezado colega, Prof. Aroldo de Azevedo já deu em "Boletim Paulista de Geografia" n.º 2, julho de 1949, pp. 58/61, uma notícia pormenorizada acêrca dêste Congresso.

Dr. Queirós Veloso — *Uma Lição do Prof. Queirós Veloso* (pp. 150-167). Homenagem feita ao Prof. Veloso. Consta de um discurso do Prof. Matos Romão, diretor da Fac. de Letras em que se rememora o passado da mesma Faculdade e os nomes dos lentes que ensinaram no antigo Curso Superior de Letras, tais como Consiglieri Pedroso, Silva Cordeiro, Teófilo Braga, Epifânio Dias, Adolfo Coelho, Silva Teles, Manuel Ramcs, José Maria Rodrigues, Leite de Vasconcelos, Sebastião Dalgado, David Lopes. A lição do Prof. Veloso versa sôbre e *Expansão Portuguesa* e ocupa as pp. 160-167.

A. Moreira de Sá, *Contribuição dos Portugueses para o Desenvolvimento Científico do Brasil* (pp. 168-183). O Prof. Moreira de Sá, autor de um notável estudo sôbre Francisco Sanchez, reproduz na Revista, uma conferência proferida na Universidade de New York, em abril de 1949. Relembra o A. a grande contribuição que os portugueses trouxeram para o desenvolvimento do nosso país, principalmente através dos jesuitas e da administração de D. João VI, quando surgiram as primeiras instituições culturais, devidas à clarividência de ministros como Linhares, o Conde da Barca e essa simpaticíssima figura que é Silvestre Pinheiro Ferreira. Ao quadro que o Prof. Moreira de Sá traça da colonização cultural é preciso acrescentar que, nem tudo,

porém, foram luzes. Infelizmente, durante muito tempo, houve, durante o período colonial, proibição de importação de prelos...

A. de Oliveira Cabral, *Notícia de um poema setecentista alemão relativo a Portugal e do primeiro curso regular de alemão em terra portuguesa*. (pp. 184-225).

Victor Buescu, *Sarmizegetuza dans la toponymie daco-romaine* (pp. 226-235). Este artigo é uma contribuição apresentada ao Congresso Internacional de Toponímia e antropologia, reunido em Bruxelas em julho de 1949.

Robert Ricard — *La Connaissance de la littérature portugaise en Amérique Espagnole* (pp. 236-238). Interessante estudo sobre a tradução espanhola do Verdadeiro Método de Estudar, de Verney e onde se pode meditar sobre a importância da Congregação do Oratório na América.

Robert Ricard, *Saragoça de Sicília* (pp. 239-240).

Da Bibliografia destacamos a resenha que o Prof. H. Cidade faz do livro do historiador inglês, professor da Cadeira Camões na Universidade de Londres, C. R. Boxer — *Fidalgos in the Far East* (Haia, Martinus Nijhoff, 1948) O Prof. Boxer especializou-se no estudo da história dos portugueses na Ásia e para esse terreno tem levado importantíssimas contribuições.

CRUZ COSTA

ALBUQUERQUE (Luiz). — *As Ciências exactas na Reforma Pombalina do Ensino Superior*, Separata dos n.ºs 52, 53 e 54 de *Vértice*, revista de cultura e de arte, Coimbra, s/d. 22 pp.

A reforma de Pombal foi julgada, diz o A., de um modo demasiadamente simples. Ela não é obra de um homem, mas de uma geração. "O que ela proclama não é um sentimento de inimizade, mas uma vitória do racionalismo oitocentista sobre uma escolástica envelhecida e inútil" (p. 22). Não foi, portanto, um "ato que culminou uma longa luta entre duas ordens religiosas (a dos Oratorianos e a Companhia de Jesús). Antes de assim concluir, o A. examina o paradoxo que a cultura portuguesa apresenta no século XVI. Tudo fazia crer que, dos estudos científicos que estavam na raiz dos descobrimentos marítimos, surgisse uma larga e poderosa ciência experimental e crítica que colocaria Portugal na vanguarda da ciência europeia. No entanto, "os benefícios do comércio do ouro e dos escravos, a tarefa da navegação, foi (...) caindo na rotina e prejudicando, por isso, os conhecimentos de astronomia e de ciência náutica. Aquela ligação que os sábios portugueses mantiveram com os problemas práticos no alvorecer da Renascença não os levava (e talvez esteja aí o perigo dos pragmatismos...) a uma visão mais larga e mais ampla do sentido da Ciência. Outra razão a explicar este declínio da cultura científica em Portugal, encontra-a o A. na "tendência manifestada desde a fundação da Escola (de Sagres) para fechar os conhecimentos de geografia, cartografia e astronomia nela alcançados, por trabalho próprio ou como reflexo da Renascença europeia, a uma elite por assim dizer circular, sem ligações com o meio". E já nos meados do século XVI, com a geração de Pedro Nunes, Garcia da Orta e António Luiz, desaparecia aquêl notável surto científico nascido graças à energia do Infante. O A. neste opúsculo, examina e critica, além desta importante questão, outros aspectos interessantes do ensino da filosofia, da ciência e das humanidades clássicas em Portugal, sempre com muita acuidade e justeza.

CRUZ COSTA